

Heronides Moura

heronides@uol.com.br

Ana Luiza Bazzo da Rosa

albazzo@hotmail.com

Quando dizemos a mesma coisa de formas diferentes: sinonímia e alternâncias

When the same thing is said in different ways: Synonymy and alternations

RESUMO – Nesse artigo, revisitamos o conceito de sinonímia a fim de testar a hipótese defendida por Pinker (2008) de que duas formas sintáticas alternantes não podem ter o mesmo significado. Analisamos construções alternantes como *pintar a parede/pintar na parede, pegar o livro/pegar no livro e tocar o vidro/tocar no vidro*, com o objetivo de observar se o efeito holístico está de fato associado à forma transitiva direta. A conclusão é que a hipótese de Pinker (2008) não é confirmada pelos dados do português. Por fim, defendemos que uma teoria contextual da sinonímia explica melhor os dados analisados e que a construção gramatical e a escolha lexical são os dois fatores determinantes da sinonímia, sendo ambos intermediados pelo contexto.

Palavras-chave: sinonímia, cognição, alternâncias.

ABSTRACT – In this paper, we revisit the concept of synonymy in order to test the hypothesis put forward by Pinker (2008), according to which two syntactic alternations should not have the same meaning. We describe syntactic alternations such as *pintar a parede/pintar na parede, pegar o livro/pegar no livro and tocar o vidro/tocar no vidro*, in order to verify if the holism effect is truly linked to the transitive construction. The conclusion is that Pinker's hypothesis is not validated by the Portuguese sentences. Finally, we argue that a contextual theory is more suitable to explain the data described, and that grammatical construction and lexical choice are the two factors defining synonymy, being both factors filtered out by context.

Key words: Frame Semantics, verbs of judgment, contrastive linguistics.

Introdução

A sinonímia é um dos tópicos mais relevantes da Semântica e já vem sendo estudada há muito tempo por diversos autores. Neste trabalho, focamos as definições de Lyons (1979) e Pinker (2008). Lyons sustenta a existência da sinonímia, mas afirma que esta depende do contexto em todos os casos. Pinker, por sua vez, defende a teoria de que duas estruturas gramaticalmente distintas não podem ser usadas para expressar um mesmo fato, de modo que não podem ser sinônimas em nenhum contexto. Podemos chamar a primeira de teoria contextual da sinonímia e a segunda de teoria icônica da sinonímia. No primeiro caso, a sinonímia é uma relação construída entre a estrutura gramatical e o contexto de uso; no segundo caso, a sinonímia está ligada a semelhanças estruturais entre sentenças, e estas sentenças refletem, iconicamente, representações cognitivas. Consequentemente, no caso da sinonímia contextual, estruturas gramaticais distintas podem ser sinônimas, ao passo que, no caso da teoria icônica, estru-

turas gramaticais distintas devem ter valores semânticos e conceituais diferentes.

Vamos testar a validade dessas duas teorias conflitantes com base na identificação da presença ou não de efeito holístico em construções gramaticais alternantes. Segundo Pinker, o efeito holístico ocorre nas estruturas em que o objeto não é precedido de preposição (João segurou a corda), ao contrário de estruturas em que o objeto é precedido de preposição (João segurou na corda), nas quais não haveria efeito holístico. Se essa hipótese de Pinker se mostrar correta, a teoria da iconicidade parece a hipótese mais pertinente para explicar a sinonímia. Por outro lado, se a hipótese se mostrar falsa, a teoria contextual da sinonímia ganha força.

Para formar o corpus, coletamos na internet sentenças com os verbos *pegar, tocar e pintar*; ora precedidos de objeto preposicionado, ora não.

Através da análise dos exemplos, concluímos que a hipótese de Pinker a respeito do efeito holístico não se aplica aos dados considerados. Duas sentenças com estru-

turas gramaticais distintas podem indicar o mesmo fato, e a sinonímia depende, em última instância, do contexto em que as estruturas estão sendo empregadas. A respeito do efeito holístico, observamos que ele pode ocorrer também nas sentenças em que o objeto é precedido de preposição, e que sua existência é gradual. Em suma, o efeito holístico é uma propriedade semântica gradual, e não está associada a apenas um tipo de estrutura gramatical específica.

Revisitando o conceito de sinonímia

Segundo a gramática normativa, sinonímia é a relação que se estabelece entre duas (ou mais) palavras que apresentam significados iguais ou semelhantes (sinônimos). Cunha (1981, p. 60) afirma que duas palavras são sinônimas “quando apresentam uma semelhança geral de sentido”. Entretanto, o conceito de “semelhança” é obviamente muito indefinido, e a definição de sinonímia é um assunto controverso no campo da linguística. Como afirmou Johnson, “as palavras raras vezes são exactamente sinônimas” (in Ullmann, 1987, p. 291). Bloomfield (1933) sustentava que “cada forma linguística tem um significado constante e específico. Se as formas são fonemicamente diferentes, supomos que os seus significados são também diferentes... Supomos, em resumo, que não há sinônimos reais”.¹ Podemos dizer que, na abordagem dos estruturalistas, cada forma linguística tem um significado autônomo, de modo que duas formas (ou estruturas) distintas têm significados distintos.

Entretanto, Ullmann (1987) afirma que, embora haja grande dose de verdade nas afirmações dos autores citados anteriormente, não se pode excluir a possibilidade de sinonímia completa. Ela é possível, por exemplo, nos termos técnicos. Por serem precisos, delimitados e emocionalmente neutros, é possível verificar se dois termos técnicos são, de fato, completamente permutáveis, ou seja, se a sinonímia é real. É o que ocorre na medicina: há, por exemplo, dois nomes para a inflamação do intestino: *caecitis* e *typhlitis*; o primeiro é de origem latina e o segundo vem da língua grega. O mesmo observa-se na própria linguística: em fonética, consoantes como *s* e *z* são conhecidas como *aspirantes* e *fricativas* e cada autor pode empregar ambos os termos sinonimamente.

Na língua coloquial, identificar a sinonímia é algo mais complicado, devido à imprecisão, à ambiguidade e às tonalidades emotivas empregadas pelos falantes (cf. Leech, 1974, p. 17). Ainda assim, na visão de Ullmann (1987), é possível encontrar, ocasionalmente, palavras que são permutáveis para todos os propósitos e em todos os

contextos, como parece ser o caso das palavras inglesas *almost* (quase) e *nearly* (aproximadamente). Esses são chamados de sinônimos integrais (Ullman, 1987, p. 294).

Lyons, no décimo capítulo de seu livro *Introdução à linguística teórica*, reserva um tópico para a discussão da sinonímia. Segundo ele, “há poucos sinônimos perfeitos nas línguas naturais” (Lyons, 1979, p. 476). O autor apresenta, de início, duas condições para a sinonímia total:

- (a) A possibilidade de intercâmbio em todos os contextos;
- (b) A identidade tanto no sentido cognitivo quanto no afetivo.

Ullmann já havia discorrido, em seu livro *Semântica*, sobre os sentidos cognitivo e afetivos e sobre a importância do contexto para a existência da sinonímia: “Só se podem considerar como sinônimas as palavras que se podem substituir em qualquer contexto sem a mais leve mudança ou no sentido cognitivo ou no afetivo” (Ullmann in Lyons, 1979, p. 476).

Lyons, porém, discute a utilidade e a pertinência dos termos *sentido cognitivo* e *sentido afetivo* e afirma que “seria errôneo supor que as conotações afetivas duma palavra sejam relevantes para seu emprego” (Lyons, 1979, p. 477). Desta forma, o autor fica apenas com a primeira condição apresentada para a sinonímia: a possibilidade de intercâmbio em todos os contextos.

Assim, se na frase *I'll go to the shop and get some bread*, ‘You comprar pão na padaria’, substituímos *get* (‘obter’, ‘pegar’) por *buy*, ‘comprar’, não introduziríamos nenhuma implicações adicionais: *buy* e *get* seriam tomadas como sinônimas no contexto (Lyons, 1979, p. 481).

Esse mesmo exemplo serve para demonstrar que a sinonímia “se faz pelas características da situação em que ocorre o enunciado” (Lyons, 1979, p. 481), uma vez que *get* não é necessariamente sinônimo de *buy*. Van Valin e Lapolla (1997, p. 86), por sua vez, afirmam que as sentenças podem ter significados e estruturas distintas, e ainda assim representarem o mesmo estado de coisas.

Ilari e Geraldini (1999) apresentam dois tipos de sinonímia: *sinonímia lexical* (correspondente às palavras) e *sinonímia estrutural* (correspondente à estrutura sintática da oração). As sentenças abaixo são exemplos de sinonímia lexical:

- (1) Pegue o pano e seque a louça
- (2) Pegue o pano e enxugue a louça

¹ Aristóteles, muito antes, em sua *Retórica*, fez uma observação a respeito da sinonímia: afirmava que, em sua opinião, os sinônimos são “úteis ao poeta”. Em contraposição, definiu a ambiguidade como instrumento dos sofistas para desorientar seus ouvintes (Ullmann, 1987, p. 312). De fato, a sinonímia é um recurso estilístico não só para o poeta, mas para qualquer usuário da linguagem. Ou seja, Aristóteles afirmou que a sinonímia é útil “ao poeta” quando, na verdade, é indispensável.

Intuitivamente, essas orações formam um par, porque são equivalentes quanto ao seu significado. Essa relação entre as sentenças é chamada de *paráfrase*. A paráfrase só é possível porque são empregadas, sinonimamente, as palavras *secar* e *enxugar*.

- (3) É difícil encontrar esse livro
(4) Esse livro é difícil de encontrar

No caso deste outro par, há paráfrase porque, embora a construção sintática seja diferente, as relações de participação dos objetos no processo são preservadas. Essa é uma definição de alternância sintática (cf. Levin e Rappaport, 1995).

- (5) Esta sala está cheia de fumaça
(6) Abra a janela

Aqui, nem a construção sintática nem as palavras são as mesmas. Entretanto, pode-se estabelecer paráfrase entre elas porque, na situação de uso, podem transmitir a mesma ideia. “Supomos com efeito que (5) será entendida como um pedido para abrir as janelas se for pronunciada numa sala irrespirável” (Ilari e Geraldí, 1999, p. 42).

Assim como a maioria dos autores - para não dizer todos -, Ilari e Geraldí (1999) destacam a importância do contexto para a sinonímia: “duas palavras são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa” (Ilari e Geraldí, 1999, p. 44). Porém, em muitos casos, este teste leva a uma contradição. Em algumas frases é possível, efetivamente, comprovar a sinonímia entre palavras que, para o falante, são intuitivamente sinônimas. Entretanto, em outros casos o mesmo não ocorre.

- (7) Para um homem _____ o maior risco é o da insolação

Na frase (7), *calvo* e *careca* poderiam ser alternados sinonimamente sem que a veracidade da frase fosse afetada.

- (8) O Argemiro não se irrita quando o chamam de calvo, mas não suporta ser chamado de *careca*
(9) O Argemiro não se irrita quando o chamam de careca, mas não suporta ser chamado de *calvo*

Por sua vez, no par (8) e (9), a troca de palavras que antes pareciam intuitivamente sinônimas interfere no conteúdo que é transmitido pela sentença: as palavras *calvo* e *careca* não podem ser substituídas uma pela outra. Comprova-se, assim, a dependência contextual da sinonímia. Note-se que (9) não constitui uma contradição: a sentença exprime a reação de Argemiro às duas palavras citadas, e essa reação é distinta nos dois casos.

Na sinonímia estrutural, encontra-se o mesmo problema encontrado na sinonímia lexical: “a escolha entre duas frases sinônimas por razões estruturais nunca é completamente inocente” (Ilari e Geraldí, 1999, p. 49).

- (10) Pedro matou João
(11) João foi morto por Pedro

No caso da alteração da voz ativa para a voz passiva, o foco da informação também é alterado. Na frase (10), o foco é Pedro, ou o crime cometido por Pedro. Na frase (11), o foco é João, ou o crime do qual João foi vítima. A passiva é o exemplo clássico de alternância sintática.

Em conclusão, Ilari e Geraldí (1999) afirmam que tanto a sinonímia quanto a paráfrase existem, mas nunca são completas. São, muitas vezes, precárias e dependem, indubitavelmente, do contexto em que são empregadas.

A absoluta sinonímia vai contra o modo habitual de se considerar a linguagem, portanto poucos estudiosos arriscam-se a defendê-la. Supõe-se que se há duas palavras ou construções diferentes, é porque deve haver alguma diferença no seu significado. E isso é o que ocorre, de fato, na maioria dos casos: são poucas as palavras completamente sinônimas, capazes de serem permutáveis em qualquer contexto, sem que o significado desejado seja alterado. Por estas razões, a linguística contemporânea considera axiomática a inexistência da sinonímia completa. Pinker (2008) parece ir no mesmo sentido, negando a possibilidade de sinonímia estrutural completa, ou seja, duas formas alternantes (como o par ativa x passiva) devem apresentar uma diferença de sentido qualquer.

Assumir a inexistência de sinônimos perfeitos pode ser um truismo, pois o contexto sempre desempenha algum papel na determinação do sentido das sentenças. No entanto, uma teoria contextual da sinonímia não implica que duas formas gramaticais distintas α e β tenham necessariamente sentidos diferentes, como é preconizado pelo que denominamos de teoria icônica da sinonímia. A diferença entre as construções α e β pode, em tese, ser neutralizada em contextos específicos. Assim, é preciso averiguar com cautela que teoria responde melhor às condições efetivas da sinonímia.

Sinonímia e alternância

Vamos agora focar as alternâncias sintáticas que são objeto de nossa análise. Há dois tipos de construções locativas: as de conteúdo e as de recipiente. *May loaded some compost into the wheelbarrow* [May carregou adubo no carrinho de mão] é um exemplo de construção locativa de conteúdo, porque a atenção recai sobre o conteúdo que está sendo transferido. Por sua vez, *Hal loaded the wagon with hay* [Hal carregou a carroça com feno] é um caso de construção locativa de recipiente, já que é o recipiente que recebe o foco (Pinker, 2008).

Esse é um exemplo canônico de representação icônica: o objeto direto marca, iconicamente, a entidade afetada que é o foco da cena. Gramática e estrutura conceptual estariam assim emparelhadas no plano estrutural, a primeira representando iconicamente a segunda.

Outros verbos funcionam da mesma forma que *load*, formando uma classe: “eles aparecem em duas construções sinônimas mas divergem se é o conteúdo ou o recipiente que aparece como objeto direto” (Pinker, 2008, p. 51). Este padrão ou generalização é o que os linguistas chamam de *alternância*.

Essa generalização pode ser concretizada com uma regra que diga mais ou menos: “Se um verbo pode aparecer numa construção locativa de conteúdo, também pode aparecer numa construção locativa de recipiente, e vice-versa” (Pinker, 2008, p. 51).

A partir desta regra, se um falante de inglês ouvir alguém dizer *brush paint onto the fence* (pincelar tinta na cerca), ele pode inferir que *brush the fence with paint* é também uma sentença possível, formando as duas um par de sentenças alternantes. Porém, é necessária atenção ao aplicar essa regra, uma vez que ela não é válida em todos os casos. “Por exemplo, se você aplicar a *Amy poured water into the glass* [Amy despejou água no copo], chega a *Amy poured the glass with water* [Amy despejou o copo com água], que os falantes do inglês rejeitam” (Pinker, 2008, p. 52). O mesmo exemplo em português também não funciona. *Amy despejou água no copo* tem um sentido muito diferente – quase oposto – de *Amy despejou o copo com água*. Assim como *pour* (despejar), outros verbos não aceitam essa alternância. De acordo com Pinker, alguns só aceitam o locativo de conteúdo; outros, o locativo de recipiente; e outros admitem as duas formas.

(12) Tex nailed posters onto the board [Tex pregou pôsteres no quadro]

* Tex nailed the board with posters [Tex pregou o quadro com pôsteres]

(13) Ellie covered the bed with an afghan [Ellie cobriu a cama com uma manta]

* Ellie covered the afghan onto the bed [Ellie cobriu uma manta sobre a cama]

(14) Jimmy drenched his jacket with beer [Jimmy ensopou o casaco de cerveja]

* Jimmy drenched beer into his jacket [Jimmy ensopou cerveja no casaco]

Mas o que explica essa preferência dos verbos? Esta é ainda uma questão aberta, sem resposta definitiva.

É Pinker (2008) quem diz:

Sob a influência de Chomsky, os linguistas tendiam a pensar nas regras como operações de ‘cortar e colar’ expressões, como transferir um complemento preposicionado para a esquerda, na posição do objeto direto, ou transferir o objeto direto para a direita numa expressão, para uma expressão preposicionada. Foi esse modo de pensar que fez com que parecesse tão estranho que a regra do locativo só se preocupasse com o conteúdo do verbo, assim como seria estranho se seu programa de processamento de textos anunciasse que se recusava a recortar e colar palavras com certos significados, mas recortasse e colasse direitinho outras palavras. *Mas e se a regra transformasse não a organização das expressões numa construção, mas alguma coisa bem mais abstrata, ou seja, o enquadramento dos fatos embutidos em seu significado?* (Pinker, 2008, p. 59-60, grifo nosso).

Para Pinker, a construção locativa de conteúdo resume-se da seguinte forma: “A faz com que B vá para C”, enquanto a construção locativa de recipiente é expressa por “A faz com que C mude de estado (ao fazer com que B vá para C)”. Ou seja, *loading hay onto the wagon* [colocar feno na carroça] é uma coisa que se faz com o feno (faz com que ele vá para a carroça). Por sua vez, *loading the wagon with hay* [carregar a carroça com feno] é algo que se faz com a carroça (faz com que ela fique carregada de feno). “São duas interpretações diferentes do mesmo fato” (Pinker, 2008, p. 61, grifo nosso). Este fenômeno é definido pelo autor como *inversão gestáltica*² e fatorada por ele (2008, p. 61) em duas regras:

- Uma regra de interpretação semântica (a inversão gestáltica): se um verbo significa “A faz com que B vá para C”, ele também pode significar “A faz com que C mude de estado ao transferir B para ele”.
- Uma regra para ligar o significado à forma: expressa-se a entidade afetada como o objeto direto.

No locativo de conteúdo *loading hay onto the wagon* [colocar feno na carroça], *hay* [feno] aparece na posição de objeto direto, para marcar (iconicamente) que algo foi feito com o feno. No locativo de recipiente *loading the wagon with hay, wagon* (carroça) aparece como objeto direto “porque o fato está sendo interpretado como alguma coisa que está sendo feita com a carroça” (Pinker, 2008, p. 61). O objeto direto corresponde, portanto, à entidade afetada.

Em resumo, segundo as próprias palavras de Pinker (2008, p. 62), “a teoria da inversão gestáltica implica que as duas construções locativas, ao contrário das primeiras impressões, não são completamente sinônimas”. Portanto, Pinker parece não admitir a existência da sinonímia estrutural, quando duas estruturas α e β são gramaticalmente distintas.

² Inversão gestáltica é uma alternância que pode até preservar os mesmos participantes, mas muda a forma de representar a cena.

A diferença que o autor identifica entre essas duas construções locativas reside no efeito holístico. Em outras palavras, em *loading hay onto the wagon*, não ocorre efeito holístico, de modo que a quantidade de feno é indeterminada. Por outro lado, quando um falante do inglês diz *load the wagon with hay*, tem-se a impressão, em função do efeito holístico, que a carroça toda ficou cheia. O efeito holístico se aplica a objetos diretos em geral, interpretando-se o recipiente como a coisa afetada.

(15) Peter painted on the door [Peter pintou na porta]

(16) Peter painted *the door* [Peter pintou a porta]

A sentença (16) expressa a entidade afetada em destaque como objeto direto e implica que se fez algo com a coisa inteira (a porta foi inteiramente pintada). Entretanto, o efeito holístico não é uma propriedade exclusiva do objeto direto, mas sim da entidade que é afetada. Por exemplo:

(17) The ball rolled [A bola rolou]

(18) The butter melted [A manteiga derreteu]

Nesses casos, o sujeito é a entidade afetada. Quando isso acontece, o sujeito é interpretado holisticamente, assim como ocorre com os objetos diretos. Observemos os exemplos:

(19) Bees are swarming in the garden [Abelhas estão infestando o jardim]

(20) The garden is swarming with bees [O jardim está infestado de abelhas]

(21) Juice dripped from the peach [O suco pingava do pêssego]

(22) The peach was dripping with juice [O pêssego estava pingando de suco]

O efeito holístico ocorre nas sentenças (20) e (22), mas não nas sentenças (19) e (21).

Apesar de se mostrar contra a existência de sinonímia estrutural, Pinker parece contradizer-se:

Mas, se um objeto pode ser pensado como algo que muda de estado mesmo quando só tem a coisa em *uma* parte, então o locativo de recipiente também pode ser usado ali. Assim, podemos dizer que um grafiteiro *sprayed a statue with paint* [pintou uma estátua com spray] mesmo que ele tenha pintado só uma parte dela, porque uma única borrifada basta para que as pessoas a considerem desconfigurada (Pinker, 2008, p. 66, grifo do autor).

Seguindo esse raciocínio, se *sprayed a statue with paint* pode significar que a estátua fora desconfigurada, mesmo que só uma parte dela tenha sido pintada, então *painted on the door* poderia ser considerada sinônima de

painted the door, pois as duas poderiam significar que só parte da porta fora afetada.

Partindo deste princípio, analisamos uma série de exemplos de usos reais da língua, obtidos através do sistema de buscas do *Google*. Seleccionamos para a coleta de dados um conjunto de verbos transitivos (*pegar, tocar, pintar, roçar e agarrar*), nos quais a alternância de objeto direto e objeto preposicionado pudesse ocorrer. O objetivo era identificar a presença do efeito holístico nas sentenças coletadas. Não havia a intenção de quantificar as ocorrências examinadas. A pretensão foi apenas a de fazer a análise de sentenças retiradas de contextos bem definidos, de modo que a interpretação do efeito holístico pudesse ser bem avaliada.

Análise dos dados

Em primeiro lugar, analisamos o verbo *pegar*:

(23) “Eu acho que, começando a pensar desde o princípio, que o melhor método de alfabetizar é **pegar na mão** da criança... Sentar a criança no colo,...” (TVE Brasil, 2010).

Aqui, o efeito holístico é claro. Pegar na mão da criança implica em segurá-la por inteiro, ou seja, a entidade é afetada holisticamente. Entretanto, o mesmo não ocorre com pegar no rosto. Observe:

(24) “Para me prevenir da Gripe A, eu lavo as mãos o máximo de vezes possível, evito **pegar no rosto** quando estou no ônibus e não compartilho” (Ambiente e Educação, 2010).

Pegar no rosto, neste contexto, não se refere a pegar no rosto por inteiro, mas apenas em alguma parte dele. Poderíamos, por exemplo, trocar sinonimamente *pegar* por *tocar* sem que isso mudasse o significado da ação. Mas e o verbo *tocar*? A teoria de Pinker prevê corretamente o comportamento deste verbo quando seguido de um objeto preposicionado: nesse caso, não ocorre efeito holístico.

(25) Em regra geral, evite **tocar no vidro** com os dedos. Se existirem marcas de dedos no vidro, não utilize nunca o vestuário ou um lenço de papel para as retirar (Sony-Europe.com, 2010).

Não encontramos – nem nesta frase nem nas outras em que o verbo *tocar* é sucedido de preposição - efeito holístico em *tocar no vidro*, o que atestaria a validade da teoria de Pinker. Por outro lado, essa teoria prevê a existência de efeito holístico nas frases em que há objeto direto, o que não pôde ser comprovado na análise dos dados. Observe:

(26) A regra de ouro é: não **tocar o vidro** das lâmpadas com os dedos. O bulbo de quartzo é atacado pela ação do ácido úrico (suor) das mãos [...]

(Oficina Brasil, 2010)

Neste caso *tocar o vidro* funciona sinonimamente a *tocar no vidro*. Não há distinção nos sentidos das duas sentenças, apesar da diferença sintática. É, portanto, um exemplo de *sinonímia estrutural*.

Façamos o mesmo com o verbo *pintar*:

(27) Achei bem mais fácil **pintar na parede** do que na tela, pois no muro não precisa ficar tudo muito certinho, pois o que importa é o visual de [...] (Prefeitura Municipal de Coxim, 2010).

(28) Em 2002 mandou **pintar na parede** de sua casa em letras garrafais o escudo do Santos e a inscrição: “colecionador de títulos do século 21”. [...] (Folha de Dourados, 2010).

Nos exemplos (27) e (28), não há efeito holístico. O mesmo ocorreu em todas as frases com o verbo *pintar* mais preposição. É um bom caminho para a comprovação da teoria de Pinker. Entretanto, ainda precisamos verificar a existência do efeito holístico nos exemplos com o verbo *pintar* sucedido de objeto direto. Vejamos:

(29) Se você está pensando em **pintar a parede** de sua casa e acha que tinta, rolo e fita crepe é suficiente, você está enganado. Uma parede bem preparada [...]. (Paint Quality Institute, 2010).

(30) **Pintar a parede** de casa pode mudar não só o ambiente, mas também a atitude de quem nele vive. Portanto, ao escolher a cor, alguns aspectos [...] (Taste, 2010).

O efeito holístico se faz presente nas sentenças (29) e (30), com o verbo *pintar* seguido de objeto direto. Os exemplos analisados com o verbo *pintar* são, portanto, compatíveis com a teoria de Pinker. No entanto, os exemplos analisados, no caso de outros verbos, não se comportam como prevê a teoria de Pinker. Esta teoria de fato não dá conta de todas as ocorrências examinadas. Retomamos este ponto logo a seguir.

Em vista disso, propomos duas regras básicas para a existência da sinonímia e do efeito holístico:

- A sinonímia – seja ela estrutural ou lexical – depende do contexto.
- O efeito holístico é gradual.

A primeira regra não é novidade para aqueles que se dedicam ao estudo da sinonímia. Conforme já apre-

sentamos, grande parte dos autores afirma essa premissa. Entretanto, como observamos anteriormente, Pinker não concorda com essa teoria: para ele, a sinonímia absoluta *não ocorre* quando duas construções distintas quaisquer são usadas para expressar um mesmo fato. Este autor sustenta o que denominamos de teoria icônica da sinonímia.

Quanto à segunda regra, primeiro façamos uma observação: já constatamos através de nossos exemplos que as teorias de Pinker a respeito da sinonímia e do efeito holístico não explicam todos os dados analisados. Encontramos, de fato, a presença do efeito holístico nas estruturas em que o objeto não é precedido de preposição, assim como não observamos efeito holístico em algumas estruturas em que o objeto é precedido de preposição. Porém, não é possível estabelecer uma regularidade. Pelo contrário, observamos que não parece haver uma regra clara para a presença ou ausência do efeito holístico. Constatamos, também, que há níveis diferentes de afetação do objeto. Observemos novamente o exemplo de *pegar*:

O verbo *pegar* tem uma série de possíveis sinônimos, nos diferentes contextos: *roçar*; *tocar*; *agarrar*; *apanhar*; *alcançar*; *capturar*; *catar*; *colher*; *tomar*; *contrair*; *manusear*. Todos esses verbos têm suas particularidades semânticas, mas, apesar disso, diversas vezes minimizamos essas diferenças ao utilizar um de seus sinônimos. Agora, veja:

(31) Ao **pegar no livro**, hesitei por momentos pois o seu grande número de páginas assustava-me! Mas corajosa, lá comecei a ler! Só posso dizer que foi uma viagem (Bookworms, 2010).

No exemplo (31), a presença do efeito holístico parece clara. Apesar de o objeto estar preposicionado, a afetação é completa (o livro é manuseado como um todo). Observamos, então, o que ocorre se trocarmos o verbo *pegar* por outros verbos com um sentido parecido:

(32) Ao **roçar no livro**, hesitei por momentos pois o seu grande número de páginas assustava-me! Mas corajosa, lá comecei a ler! Só posso dizer que foi uma viagem.

(33) Ao **tocar no livro**, hesitei por momentos pois o seu grande número de páginas assustava-me! Mas corajosa, lá comecei a ler! Só posso dizer que foi uma viagem.

No exemplo (32), a afetação do objeto parece muito menor do que a afetação do objeto no exemplo (33), que por sua vez é menor do que na sentença (31).

(34) Ao **agarrar o livro**, hesitei por momentos pois o seu grande número de páginas assustava-me! Mas corajosa, lá comecei a ler! Só posso dizer que foi uma viagem.

Aqui, o efeito holístico é bastante explícito, em virtude das particularidades semânticas do verbo *agarrar*: A ação de agarrar define por si mesma uma forte tendência ao efeito holístico. O fato de o verbo ser seguido ou não de preposição, não parece ser importante para provocar a existência do efeito holístico.

Em suma, o que parece ocorrer é que a identificação do efeito holístico depende não apenas da construção gramatical, mas também do conteúdo lexical do verbo. Os sinônimos de *pegar*, por exemplo, parecem se organizar numa escala, desde o objeto mais afetado pela ação verbal até o menos afetado, conforme a Figura 1.

Pegar, sendo polissêmico, pode equivaler a alguns desses sinônimos, dependendo do contexto. Mas é preciso também examinar o contexto sentencial mais amplo, pois este pode alterar o grau de afetação do objeto. Assim, um uso que a princípio estaria num grau mais alto da escala de afetação do objeto (por exemplo, na sentença *pegar a toalha*), pode se converter, num contexto específico, num grau mais baixo de afetação:

(35) Ele *pegou* a toalha com a ponta dos dedos

Aqui, devido à presença do adjunto (*com a ponta dos dedos*), o nível de afetação não é equivalente a *ele pegou a toalha*, mas sim menor. Isso dá sustentação à primeira regra básica para a existência da sinonímia proposta anteriormente: a inerente importância do contexto.

Conclusão

Esperamos ter mostrado que a determinação da sinonímia de duas ou mais sentenças depende de três pontos básicos: a construção gramatical, a escolha lexical e o contexto. Nos exemplos analisados, a construção gramatical de fato determina, em alguns casos, o nível de afetação do objeto.

Como já vimos, não são todos os exemplos, no entanto, que se comportam dessa maneira. Pelo contrário, pode-se observar uma gradação entre o efeito holístico e a não-afetação dos objetos. Por sua vez, a escolha lexical também determina a sinonímia em alguns casos, sobretudo quando se empregam verbos polissêmicos, que admitem vários sentidos, como o verbo *pegar*. Esses verbos podem gerar uma rede sinonímica, conforme observamos

na Figura 1. Contudo, o princípio mais importante que determina a sinonímia é o contextual. Essa ideia, portanto, nos remete às teorias de Lyons sobre a sinonímia. A relevância do contexto é tão importante que pode interferir nas duas alternativas anteriores: a construção gramatical e a escolha lexical. No segundo caso, por exemplo, um significado mais alto na escala de afetação pode não corresponder ao esperado em função do contexto, como já vimos no exemplo (35). Se a sentença fosse apenas *ele pegou a toalha*, o efeito holístico apareceria claramente; porém, o acréscimo do adjunto faz com que a sentença *ele pegou a toalha com as pontas dos dedos* tenha um grau de afetação consideravelmente menor.

Dessa forma, podemos concluir nossa análise com uma generalização sobre a existência da sinonímia: a construção gramatical e a escolha lexical são os dois fatores determinantes da sinonímia; entretanto, ambos são intermediados pelo contexto.

Referências

- AMBIENTE E EDUCAÇÃO. 2010. Disponível em: www.ambienteeducacao.blogspot.com/.../voce-sabe-diferenca-entre-gripe-comum-e.html. Acesso em: 12/2010.
- BLOOMFIELD, L. 1933. *Language*. 1ª ed., New York, Holt, 564 p.
- BOOKWORMS. 2010. Disponível em: www.bookworms.sapo.pt/books/4098/o-stimo-selo/comments. Acesso em: 12/2010.
- CUNHA, C. 1981. *Gramática do português contemporâneo*. 9ª ed., Rio de Janeiro, Padrão, 510 p.
- FOLHA DE DOURADOS. 2010. Disponível em: www.folhadedourados.com.br/view.php?cod=48843. Acesso em: 12/2010.
- ILARI, R.; GERALDI, J. V. 1999. *Semântica*. 1ª ed., São Paulo, Ed. Ática, 96 p.
- LEECH, G. 1974. *Semantics*. 1ª ed., Harmondsworth, Penguin Books, 386 p.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. 1995. *Unaccusativity*. 1ª ed., Cambridge, The MIT Press, 336 p.
- LYONS, J. 1979. *Introdução à lingüística teórica*. 1ª ed., São Paulo, Ed. Nacional/Ed. da Universidade de São Paulo, 509 p.
- OFICINA BRASIL. 2010. Disponível em: www.oficinabrasil.com.br/iluminacao.html. Acesso em: 12/2010.
- PAINT QUALITY INSTITUTE. 2010. Disponível em: www.pqi.com.br/info/mat_14.html. Acesso em: 12/2010.
- PINKER, S. 2008. *Do que é feito o pensamento*. 1ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 561 p.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE COXIM. 2010. Disponível em: www.coxim.ms.gov.br/.../643-praca-do-pescador-ganhou-um-colorido-a-mais-neste-final-de-semana.html. Acesso em: 12/2010.
- SONY-EUROPE.COM. 2010. Disponível em: www.support.sony-europe.com/dime/...clean/howto_clean.aspx?.... Acesso em: 12/2010.
- TASTE. 2010. Disponível em: www.inteligweb.taste.com.br/news/templates/noticia.asp?idNoticia=6062. Acesso em: 12/2010.

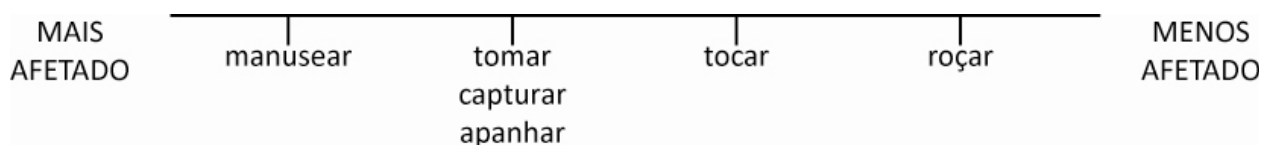


Figura 1. Escala de sinônimos do verbo *pegar*.

Figure 1. Synonym scale of the verb *pegar*.

TVE BRASIL. 2010. Disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/joel_rufino. Acesso em: 12/2010.

ULLMANN, S. 1987. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 578 p.

VAN VALIN, R.; LAPOLLA, R. 1997. *Syntax*. 1ª ed., Cambridge, Cambridge University Press, 713 p.

Submetido em: 23/08/2010

Aceito em: 23/11/2010

Heronides Moura

Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Trindade, 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil

Ana Luiza Bazzo

Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Trindade, 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil